

A TROMBETA



— O que? um rival pela frente?!... ESPERA... que eu já te arranjo!
Vou tocar á chamada, e depois veremos quem é o maior trombeteiro d'estes reinos...

ANDRÉ GILL

Acaba de se publicar em Paris um album interessantissimo, com a reproducção de vinte quadros inéditos do eminente caricaturista André Gill. São vinte retratos de contemporaneos celebres: Hugo, Zola, Gambetta, Garibaldi, Bismarck, Sarah Bernhardt, etc. Diz uma folha parisiense que esses trabalhos, revelando um Gill desconhecido, são feitos com uma phantasia extraordinaria, e que impressionam pela variedade surpreendente dos aspectos.

Richepin, o illustre poeta que foi um dos fieis companheiros do artista morto, escreveu para o album, ácerca do seu lastimado amigo, um bello e sentidissimo estudo, que põe em relevo a plena luz o grande talento e o nobre coração de André Gill. Dos quadros agora reproduzidos diz Richepin que são «a quintessencia das *charges*» do caricaturista.

O poeta accentua uma das qualidades mais sympathicas do temperamento de Gill, com um simples traço. Depois de contar como Gill era timido, em um salão burguez, elle um aristocrata de raça e do espirito, timido pelo temor de não se parecer com toda a gente, accrescenta: «Era tambem timido, de uma outra timidez, na presença das pessoas a quem admirava: Hugo, Vallès. Quando estava em casa de Hugo, parecia-lhe, conforme a sua expressão, que estava em casa do bom Deus. Com Vallès, apesar de uma longa intimidade, tomava um tom de collegial respeitoso do *magister dixit*.»

Ah! como esta nobre admiração, esta ingenua e adoravel timidez perante os mestres, é bem caracteristica de um verdadeiro talento e de uma alma não ratada pela inveja vesga e livida! E como isso contrasta bem com a insolencia apedrejadora dos mediocres, com a raiva espumante e burlasca dos cunucos da Arte perante as creações da virilidade alheia, com o furor de celebridade que incita os Erostratos da litteratura contra os espiritos superiores!

Nós aproveitamos o ensejo d'aquella publicação para dedicar esta pagina á memoria estimavel de André Gill. Nunca é demais a homenagem prestada por artistas a um artista de talento, — principalmente quando elle, combatente audaz, vencido apenas pela natureza, é sagrado pela morte e o foi em vida pelo infortunio.

A época mais ruidosa da vida de Gill, a que o pôz em evidencia, foi de certo quando elle por um lado e Rochefort por outro, este com a sua terrivel penná, Gill com o seu lapis não menos terrivel, investiam bravamente contra Napoleão III. E o baixo imperio francez, essa Jerichó de muralhas argamassadas com lama e sangue, que principiára a desabar ao formidavel som da trombeta dos *Castigos*, acabaria de ruir aos golpes d'esses e de outros rijos combatentes do espirito. Porque elles haviam-lhe infligido um Sedan moral, im-

mensamente mais esmagador, perante a razão e a justiça, do que esse outro Sedan brutal da força, que fallou pela bocca dos Krupps.

Mas Gill não foi sómente um artista de combate, foi tambem um nobre e sereno poeta; e esta é, principalmente, a gloria que para a seu nome reivindica o seu digno amigo Richepin. Damos adiante, como prova d'esse outro mérito de Gill, o original e uma versão, tão fiel quanto possivel, de um soneto d'elle, citado pelo poeta da *Chanson des gueux*. E' um soneto meigo, triste, resignado, pungente de verdade, palpitante de emoção, vibrante d'harmonia, todo envolto n'uma suave auréola de mansidão e de bondade. D'essa joia diz Richepin com toda a justiça: «Podeis folhear bastantes volumes de rimas, antes que encontreis muitos versos tão tocantes, tão solidos, tão bellos, como este admiravel soneto, em que se resume todo o destino dos artistas solitarios.»

x

O director artistico d'esta folha teve sempre em grande apreço o insigne caricaturista francez; e conheceu-o pessoalmente, em Paris, pouco tempo antes que o pobre artista fosse debater-se, até á sua morte, nas garas medonhas da loucura, — n'essa eterna luta do Espirito contra a Besta, nunca tão violenta como n'este sombrio occaso de seculo.

E' d'aquelle tempo uma observação extremamente pittoresca de Gill, relativa aos portuguezes. Foi n'um jantar de compatriotas nossos, dado em Paris a Raphael Bordallo, e a que assistia André Gill. Contou-nos isto um amigo, tambem commensal do jantar, então estudante na grande cidade e hoje medico distincto em Lisboa. Gill, como os estrangeiros em geral e os francezes em particular, só tinha noções muito confusas do nosso paiz. Querendo, porém, ser amavel com os seus convivas, teve uma lembrança tão feliz quanto original. Contou que vira ultimamente dois gatos hespanhoes, que suppunha, serem, disse elle, do mesmo typo dos gatos portuguezes... Lembremos de passagem que estes ultimos, pelo menos os de Alfama, foram vivamente descriptos por Charles Monselet no seu livro de viagem á Peninsula... Gill descreveu com grande *verve* e não menos grandes gestos os seus dois recentes conhecidos, como sendo muito magros de longas pernas e compridos bigodes. Uns verdadeiros Quixotes felinos, ajuntou bem mais sympathicos do que os nédios e pansudos bichanos de raça franceza. E concluiu por uma analogia, lisongeira para os seus ouvintes, entre os gatos e os homens da Peninsula, — conhecidos, disse, pelo seu genio aventureiro, ingenuo e cavalheiroso, que o heroe de Cervantes personifica.

Ah! mas o que pensaria o bom Gill, se soubesse que os Pansas, comparaveis aos bojudos gatos de França, abundam em Portugal?

Eis o soneto que promettemos:

HOROSCOPE

Malgré les larmes de ta mère,
Ardent jeune homme, tu le veux,
Ton cœur est pur, ton bras nerveux,
Viens lutter contre la chimère.

Use ta vie, use tes vœux
Dans l'enthousiasme éphémère.
Bois jusqu'au fond la coupe amère,
Regarde blanchir tes cheveux.

Isolé, combats, souffre, pense.
Le sort te garde en récompense
Le dédain du sort triomphant,

La barbe auguste des apôtres,
Un cœur pur, et des yeux d'enfant
Pour sourire aux enfants des autres

HOROSCOPO

Embora soffra e chore tua mãe,
Moço ardente, — pois' queres, não te importe!
Tua alma é limpida, teu braço é forte,
Vem combater contra a chimera, vem.

E gasta a vida, e gasta os teus anhelos
No enthusiasmo ephémero, fugaz.
Esgota o amargo calix; e, rapaz,
Vae vendo embranquecer os teus cabellos.

Solitario, combate, soffre, pensa.
Reserva-te o destino em recompensa
O desdem da fortuna prepotente,

A barba dos apóstolos, sagrada,
Uma alma pura, e uns olhos d'alvorada
P'ra sorrir ás crianças da outra gente.

Terminamos, fazendo nossas as palavras que Richopin, alludindo ao receio, manifestado por Gill, de morrer na memoria dos homens, escreveu em seguida á transcripção do seu admiravel soneto:

«Não, meu caro Gill, meu bom e affectuoso Gill,

não, com alguns versos eguaes a esses, não é verdade que tu devas morrer de todo. Bastariam só aquelles para que a tua memoria ficasse. Quem quer que os oiça ha de amar-te, e d'este modo sobreviverás.»

F. L.

CHRONICA

Se nós principiássemos a chronica por estes simples dizeres:

Tá-rá-tá-tá... tá-rá-tá-tá...

E immediatamente a encerrassemos com o nosso glorioso pseudonymo, podíamos sem escrupulo e sem demora ir descançar a nossa cabeça de chronista e o nosso aparo de *Gillot*, com a tranquillidade consciente de havermos cumprido a obrigação de estampar aqui tudo quanto de notavel occorreu nos ultimos dias...

Tá-rá-tá-tá... tá-rá-tá-tá — percebe-o á primeira vista, mesmo quem não seja caçador de charadas nem de enigmas pittorescos—é a voz imitativa da trombeta; e foi a *Trombeta* que durante a ultima semana andou na bocca de toda a gente—mesmo d'aquelles a quem porventura falte a embocadura para o cultivo d'esse metalico instrumento...

Que a coisa, no fim de contas, não passa de uma simples questão de moda.

Assim como a cuia, o balão, o *tourneur*, a bota de salto alto, e tantos outros artigos de luxo, teem tido os seus dias gloriosos, assim tambem áquelle instrumento chegou a hora da moda, devendo considerar-se como questão exclusivamente de luxos essa *Trombeta*, hoje tão afamada como se a apregoara a trombeta da Fama!

Questão de moda, sim senhores!

Ha apenas um mez que não se fallava d'outra coisa senão da trombeta que estava prestes a soar no vale de Josaphat, visto como o fim do mundo se aproximava a passos de cavallo de hippodromo.

E ainda de todo se não varrera da memoria a trombeta do dia de Juizo, quando seguidamente se põe em evidencia esta nova *Trombeta*, que deixa o juizo a arder áquelles que a tornaram celebre, pela afinidade que existe entre essa celebridade e o juizo criminal!

* *

Esmiucemos, senhores—mas cá de longe—este caso extravagante da *Trombeta*, a vér se conseguimos descobrir-lhe lá no fundo, usando da sã philosophia—e com o auxilio de dois páusinhos—as causas determinantes de phenomeno tão excepcional...

Cá estão ellas!

Vejam, reparem—apalpem, se lhes apraz—e djgam-nos depois se não teem ellas fundamento irrefutavel na ambição desordenada que, havendo corrido o genero humano de maior idade, começa agora a ferrar o dente na propria humanidade ainda imberbe!...

Nos tempos felizes da nossa engraçada meninice, quando a feira das Amoreiras ainda não fôra manchada pelo sangue immaculado e rubro de soldados da guarda municipal, toda a ambição casta mas enorme dos meninos da nossa idade se resumia em passear uma tarde n'aquêlle recinto de fadas e barraqueiras, trazendo de lá, como perenne recordação, uma queijada, metade massa de pão duro, metade poeira da rua suja, e uma gaitinha de vintem, a que, muito satisfeitos, chamavam a sua *corneta*—com a suppressão d'aquella letra que as crianças não pronunciam por dificuldade e algumas senhoras carregam por elegancia...

Pois vejam como a ambição se tem apossado lentamente do espirito das creanças, que estas se não contentam já com a gaitinha dos nossos tempos, nem mesmo com uma gaita de dimensões mais avantajadas, indo assim, progressivamente, n'um crescendo de exigencias sem limites, da gaitinha para a gaita, da gaita para a corneta, e, finalmente, da corneta para a *trombeta*, que constitue hoje, ao que parece, a ambição e o ideal de todos os Fernandes de menor idade!

D'aqui por breve trecho até á *trombeta* já farão careta, sendo preciso para contental-os uma trompa regimental, d'aquellas que terminam em cabeça de bicha, com dente agudo, lingua de fóra e tudo!...

Quando tal fatalidade haja de realizar-se—o que nos parece inevitavel—arrebanhem ao menos toda essa mocidade esperançosa n'um grande salão de Euterpe, aproveitando-lhe as disposições musicaes e a excellencia da embocadura para a constituição d'uma grande fanfarrá marcial, que deverá ter por mestre o sr. Bailio de Malta, cuja mão experimentada empunhará—melhor que nenhuma outra—a batuta da regencia.

E assim teremos charangas e sobejo para tocarem nos annos do paiz em pezo...

PAN-TARANTULA.

SOBRE QUEDA, COICE...

¶ policia, na *Trombeta*,
Depois de longas vigílias,
Deu co'uns moços, de chupeta,
Foragidos ás familias.

Eram d'estes a que o vulgo
Chama *meninos já grandes*;
Ambos sympaticos, julgo,
Ambos de nome «Fernandes.»

O commissario, iracundo,
Fel-os logo engaiolar
—Por razões que eu não profundo
... Nem desejo profundar...

Sobre aquelle extranho assumpto
Fez-se um processo, aos galopes,
E mandou-se tudo junto
P'ra o Firmino João Lopes.

Eis aqui, se não é petá,
Um frisante desatino...
—Foi tiral-os da *Trombeta*
E mandandal-os p'ra o Firmino!...

PAN-TARANTULA.

EXPEDIENTE

Por motivos especiaes, não pôde a Empreza empregar ainda n'este numero o moderno processo lithographico que anteriormente annunciou, compromettendo-se entretanto a usar d'elle e o mais breve que lhe seja possivel.

SCENA DA «LUCIA»



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

(QUEM NÃO CONHECER A «LUCIA», REPORTE-SE AO «ANDADOR DAS ALMAS»)
Edgardo Fontes: — Son tu cifre?...
Lucia: — Si.....
Edgardo: — Ah! maledetto! maledetto sia l'istante... Che di tè mi feci amante!...

CASOS, TYPOS E COSTUMES

A RESSACA

(Concluido do numero antecedente.)



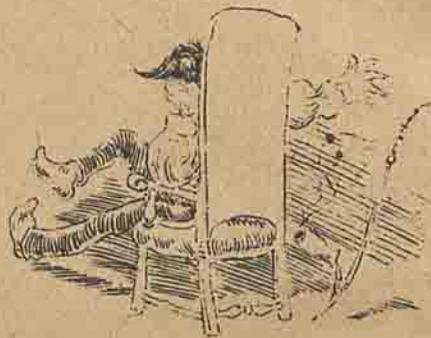
Passando mostra aos estragos
Sobre a cama se corcova:
Da bolsa foram-se os bagos
E tem rota a calça nova!



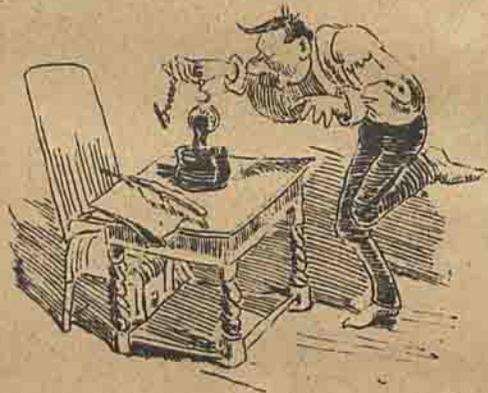
Vae dos fósforos a procura,
Mas o passo se lhe emperra
E ás cadeiras se segura,
P'ra não dar co'o lombo em terra.



A assentar-se volta manso
E ao cachimbo deita lume,
P'ra tomar co'o seu ripanso
A fumaça da costume.



Mas logo o cachimbo larga,
Sentindo os nervos indomitos;
Que o tabaco ao ponto amarga
De causar-lhe horriveis vomitos!



Vê depois, com pasmo estranho,
Que o relógio — oh! caso incrível! —
Se tingiu tomando banho
Dentro em tinta indestructível!



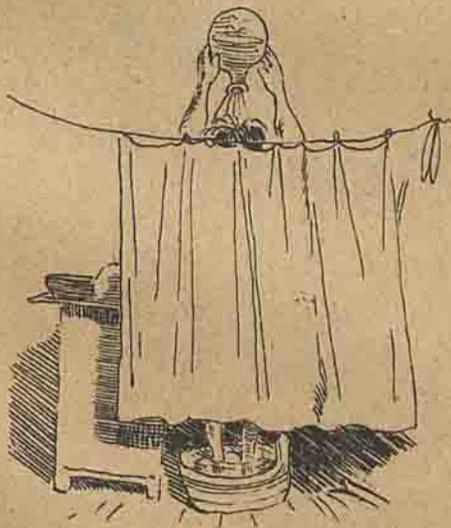
E a quinzena de etiqueta,
Toda branca, tão airosa,
Egualmente meia preta
— Mas de tinta mal cheirosa...



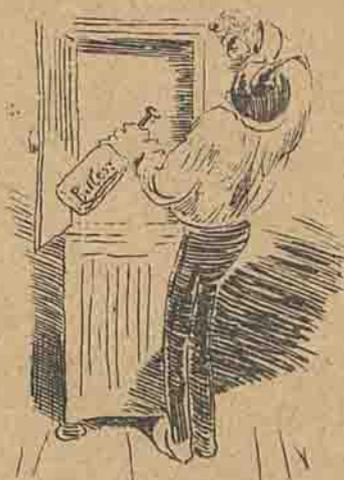
E o chapéu — oh! ceus! que magua! —
Tão mimoso, e fino, e rico,
Na bacia, dentro d'agua,
Como um pé de mangerico!



E os bagos — magia ignota
D'alguma fada esmoler! —
Surdem do cano da bota
— Cheirando a queijo Gruyer,...



Despe-se enfim nú em pello,
Corre a cortina de linho,
Com agua fria de gelo
Refresca todo o corpinho...



Direito já como um fuso,
E penteado a carpicho,
Vae proceder, como é uso,
A' matadella do bicho...



Horriavel nausea o tortura
E o corpo todo lhe ataca
A conhecida termura
Com que se extingue a ressaca...



Musiano Horallo inh.
(Copia de W. Duche.)

Depois de almoço mui sobrio,
Fuma um charuto e protesta:
— Embebedar-me! que opprobrio!
... Sómente em dias de festa...

PEIOR DO QUE ESTAVAMOS



RAPHAEL BORDADO PINHEIRO

O conselheiro Popóvim já mandou afinal *abrir a porta*, não para obsequiar s. m. a rainha, como erradamente disse um jornal, mas porque para isso o intimou o governador civil do districto. Só nos falta ver agora que Popóvim, por vingança, se colloque entre as hombreiras, com o que ficaremos peior do que estavamos, visto como a passagem ficará muito mais *tapada*.